

DIRETORIA DE GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
CURSO DE JORNALISMO

NATÁLIA PIRES PINTO

Um Lugar de Fala no Estádio: A Escrita de Marilene Dabus como Resistência no
Jornalismo Esportivo Brasileiro

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2025

NATÁLIA PIRES PINTO

Um Lugar de Fala no Estádio: A Escrita de Marilene Dabus como Resistência no
Jornalismo Esportivo Brasileiro

Monografia apresentada à Universidade
Metodista de São Paulo. Curso de Jornalismo,
como requisito parcial para conclusão do curso
de Jornalismo

Orientadora: Prof.^a Dra. Maristela Sanches
Bizarro

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

P658L Pinto, Natália Pires

Um lugar de fala no estádio: a escrita de Marilene Dabus como resistência no jornalismo esportivo brasileiro / Natália Pires Pinto. 2025.

39 p.

Monografia (Graduação em Jornalismo) --Diretoria de Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2025.

Orientação de: Maristela Sanches Bizarro.

1. Dabus, Marilene, 1939-2020 2. Jornalismo esportivo 3. Mulheres – Jornalismo 4. Última hora (Jornal) 5. Jornal dos Sports (Jornal) I. Título.

CDD 070.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGRADECIMENTO

Realizar um Trabalho de Conclusão de Curso foi um grande desafio para mim daqueles que exigem garra, foco e uma força de vontade enorme para seguir em frente e alcançar cada objetivo. Ao revisitar essa jornada, reconheço que não teria conseguido chegar até aqui sozinha. Por isso, registro meu agradecimento especial às minhas orientadoras, Filomena Saleme, que me acompanhou no pré-projeto, e Maristela Sanches, que esteve ao meu lado durante todo o desenvolvimento do TCC. Cada orientação, cada conversa e cada cuidado delas contribuíram de forma significativa para a construção deste trabalho.

Agradeço também às pessoas mais importantes da minha vida: meu pai, meu irmão e minha cunhada. Mesmo sem participarem diretamente da elaboração do projeto, sempre reservaram um tempo para perguntar sobre o tema, compreender o que eu estava pesquisando e acompanhar meu progresso. Esses gestos simples, mas cheios de significado, foram extremamente gratificantes e revelaram o interesse, a curiosidade e o carinho deles por algo tão importante para mim.

Dirijo um agradecimento especial à minha mãe, pelo apoio, pelo carinho, pela paciência e pela disposição em me ouvir em todos os momentos. Ela esteve ao meu lado durante toda a trajetória não apenas no TCC, mas também nos quatro anos de altos e baixos da graduação. Nada disso foi fácil, mas conseguimos, e chegar até aqui se torna ainda mais significativo por termos caminhado juntas.

Estendo minha gratidão às instituições para as quais sempre fui fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. O Arquivo Público do Estado de São Paulo me possibilitou o acesso à Última Hora, e ainda, o auxílio durante as consultas ao acervo, o que se mostrou essencial para localizar e analisar textos fundamentais para o presente estudo. A Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, foi igualmente indispensável para que eu fizesse o levantamento das edições do Jornal dos Sports, das quais eu encontrei e analisei as crônicas de Marilene Dabus publicadas de 1970 a 1972. Sem o acesso público, gratuito e bem preservado destes acervos, esta pesquisa simplesmente não existiria.

Por fim, agradeço à Universidade Metodista de São Paulo, que, apesar dos desafios enfrentados ao longo do percurso, contribuiu de forma essencial para que eu e meus colegas pudessemos concluir essa etapa acadêmica. Obrigada a todos!

RESUMO

Esta monografia investiga a presença feminina no jornalismo esportivo impresso brasileiro por meio da trajetória da jornalista Marilene Dabus, uma das pioneiras a ocupar, com voz própria e contínua, as páginas dedicadas ao futebol nas décadas de 1960 e 1970. Em um cenário de redações majoritariamente masculinas, onde se cristalizava a ideia de que "futebol é assunto de homem", a atuação de Dabus constitui um gesto de ruptura. A pesquisa, de caráter qualitativo, documental e interpretativo, analisa textos da jornalista publicados nos jornais *Última Hora* (1969) e *Jornal dos Sports* (1970-1972), localizados em acervos digitais públicos. O estudo articula os Estudos Feministas à Análise do Discurso Crítica (ADC), adotando o modelo tridimensional de Norman Fairclough – que articula texto, prática discursiva e prática social – como ferramenta central de análise. Os resultados demonstram que a escrita de Dabus é profundamente singular, unindo sensibilidade, ironia e crítica institucional. Na crônica "O Morto", por exemplo, ela mobiliza metáforas intensas e um ritmo narrativo acelerado para representar conflitos que transcendiam o campo esportivo. Mais do que relatar jogos, Dabus interpreta o futebol como fenômeno social, trazendo uma perspectiva feminina que desafia o padrão masculino de legitimidade. A análise sob a lente da ADC revela que suas crônicas operam como uma forma de resistência discursiva dentro da matriz de dominação do jornalismo esportivo. Ao ocupar aquele espaço e produzir um conhecimento a partir de sua experiência vivenciada, ela não apenas ampliou as fronteiras do discurso esportivo, mas também tencionou ativamente as estruturas de poder que historicamente excluía as mulheres. Recuperar sua obra significa, portanto, iluminar uma trajetória marginalizada e reconhecer a contribuição de uma cronista que, com sua escrita afetuosa, firme e crítica, desestabilizou convenções e abriu caminhos simbólicos para as profissionais que a sucederiam.

Palavras-chave:

Marilene Dabus; jornalismo esportivo; mulheres no jornalismo; Fairclough; *Última Hora*; *Jornal dos Sports*.

ABSTRACT

This monograph investigates the presence of women in Brazilian print sports journalism through the trajectory of Marilene Dabus, one of the pioneers to occupy, with her own voice and consistent authorship, the newspaper pages dedicated to football during the 1960s and 1970s. In a context of predominantly male newsrooms, where the notion that “football is a man’s subject” was deeply ingrained, Dabus’s work represents a significant act of rupture. This qualitative, documentary, and interpretive research analyzes texts published by the journalist in *Última Hora* (1969) and *Jornal dos Sports* (1970–1972), located in public digital archives. The study articulates Feminist Studies with Critical Discourse Analysis (CDA), adopting Norman Fairclough’s three-dimensional model—text, discursive practice, and social practice—as its central analytical framework. The results demonstrate that Dabus’s writing is remarkably distinctive, combining sensitivity, irony, and institutional critique. In the crônica “O Morto,” for instance, she employs powerful metaphors and an accelerated narrative rhythm to represent conflicts that transcended the sporting field. More than reporting matches, Dabus interprets football as a social phenomenon, offering a feminine perspective that challenges the male-centered standards of legitimacy. The CDA-based analysis reveals that her crônicas operate as a form of discursive resistance within the matrix of domination that structured sports journalism. By occupying that space and producing knowledge grounded in her lived experience, she not only expanded the boundaries of sports discourse but also actively confronted the power structures that historically excluded women. Recovering her work therefore illuminates a marginalized trajectory and acknowledges the contribution of a writer who, with her affectionate, firm, and critical prose, destabilized conventions and opened symbolic pathways for future generations of women journalists.

Keywords:

Marilene Dabus; sports journalism; women in journalism; Fairclough; *Última Hora*; *Jornal dos Sports*.

SUMÁRIO

Palavras-chave:	6
1 INTRODUÇÃO	9
2 JUSTIFICATIVA	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 ESTUDOS FEMINISTAS	13
3.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	15
4. METODOLOGIA	18
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	18
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
4.3 CORPUS E DELIMITAÇÃO	21
4.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE	22
5. PRESSUPOSTOS PARA ANÁLISE	23
5.1 BIOGRAFIA - MARILENE DABUS.....	23
5.2 Marilene Dabus: trajetória, relevância e construção discursiva no jornalismo esportivo impresso	24
5.3 O JORNALISMO ESPORTIVO IMPRESSO NO BRASIL: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E DISPUTAS SIMBÓLICAS	27
5.4 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MARILENE DABUS NOS JORNAIS ÚLTIMA HORA E JORNAL DOS SPORTS.....	28
5.5 A DIMENSÃO TEXTUAL: A CRÔNICA DE MARILENE DABUS COMO ARTEFATO LINGUÍSTICO.....	30
5.6 A DIMENSÃO DA PRÁTICA DISCURSIVA: DIÁLOGOS, REDES DE SENTIDO E DISPUTAS NA REDAÇÃO	32
5.7 A DIMENSÃO DA PRÁTICA SOCIAL: A CRÔNICA COMO ATO POLÍTICO, INTERSECCIONAL E LOCALIZADO.....	34
CONCLUSÃO	36
APÊNDICE A – MATÉRIA “O MORTO” - ÚLTIMA HORA.....	39
APÊNDICE B – SE O MÊDO MATASSE, EM CASA OU NO ESTÁDIO ELAS JÁ ERAM- JORNAL DOS SPORTS	40
REFERÊNCIAS.....	41
LIVROS, ARTIGOS E OBRAS TEÓRICAS	41
2. ARTIGO ANTIGO – PORTAL IMPRENSA	42
3. REFERÊNCIA COMPLEMENTAR (RELATÓRIO INSTITUCIONAL).....	42

4. CRÔNICAS DE MARILENE DABUS.....	42
5. REFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo no Brasil foi, ao longo de sua trajetória, um espaço em sua maioria masculino, e a mulher teve muita dificuldade para obter legitimidade profissional e visibilidade para as suas produções. Desde os tempos de institucionalização do jornalismo esportivo nos jornais impressos, a voz de comando foi, em sua maioria, masculina e a mulher ocupou os lugares de menores prestígios ou setores sem prestígio na editoria. Essa desigualdade, favorecida pelos estereótipos de gênero e por uma cultura patriarcal reproduzida nos ambientes das redações, obstou a ascensão das mulheres para espaços de destaque, sobretudo na cobertura dos esportes tidos como populares, a exemplo do futebol. Como bem observa Bueno (2018, p. 29)¹², "o jornalismo e o esporte, como exemplo, constituem duas instituições historicamente masculinizadas, binárias e heteronormativas, veiculando e contribuindo para a manutenção de representações sobre o que é ser feminino e masculino a partir dessas referências". Essa realidade é ainda mais evidente quando se constata, por meio de um levantamento internacional de 2011, feito pelo The International Sports Press Survey, que "apenas 8% das notícias da imprensa esportiva são assinadas por mulheres" e que "85% da cobertura esportiva foca em atletas de modalidades masculinas" (HORKY; NIELAND, 2013, p. 1)³.

Nesse cenário desafiador, torna-se fundamental resgatar e analisar a trajetória de jornalistas pioneiras que, a despeito das barreiras impostas, conseguiram firmar sua presença no campo esportivo. Dentre essas figuras inspiradoras, destaca-se Marilene Dabus, cuja atuação em veículos de grande circulação como *Última Hora e Jornal do Brasil*, entre as décadas de 1960 e 1980, a estabeleceu como uma das primeiras mulheres a ocupar um lugar na editoria

¹ BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. *Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina*. Comunicação & Inovação, v. 21, n. 45, 2020. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6240/2896. Acesso em: 21 out. 2025.

² BUENO, Noemi Correa. *A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal*. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/ae7a678a-3992-45bc-a449-1b043cc39806/content>. Acesso em: 21 out. 2025.

³ HORKY, Thomas; NIELAND, Jörg-Uwe. *International Sports Press Survey 2011: First results of the International Sports Press Survey*. Colônia: German Sports University Cologne / Play the Game, 2013. Disponível em: https://www.playthegame.org/media/2gvfetbc/horky-nieland_ptg_2013_1130.pdf. Acesso em: 22 out. 2025.

esportiva da imprensa brasileira. Seu trabalho como setorista⁴ do Flamengo, bem como as entrevistas realizadas com ícones do futebol nacional, como Zico e Pelé, revelam um protagonismo feminino que desbravou um espaço até então rigidamente masculino. A resiliência de outras precursoras, como Maria Helena Rangel, a primeira jornalista brasileira contratada para reportagens esportivas entre 1948 e 1953 (BARSOTTI; CARVALHO, 2024)⁵, e Mary Zilda Grassia Sereno, uma das pioneiras do fotojornalismo que enfrentou preconceitos e até vaias ao cobrir futebol (COSTA, 2021, p. 63)⁶, ilustra a persistência e a coragem feminina em um ambiente muitas vezes hostil.

A relevância de investigar a atuação de Marilene Dabus justifica-se pela notável carência de estudos acadêmicos dedicados à sua produção e por seu papel emblemático na história do jornalismo esportivo impresso no Brasil. Embora pesquisas recentes, como os diagnósticos de desigualdade de gênero realizados por Delorme (2024) e os levantamentos apresentados no Intercom (2023), apontem para uma gradual, mas ainda insuficiente, inserção das mulheres no jornalismo esportivo, percebe-se que ainda existem lacunas significativas no reconhecimento da contribuição de jornalistas pioneiras do impresso. Suas histórias, muitas vezes, permanecem pouco exploradas no âmbito científico. A hipótese de que "o cenário é de perpetuação da desigualdade de gênero nas editorias de esporte dos jornais impressos, em que os rostos não são vistos, e algumas reportagens nem sequer são assinadas, invisibilizando as assimetrias de gênero" (BARSOTTI; CARVALHO, 2024, p. 122)⁷ reforça a urgência e a pertinência de investigações aprofundadas sobre a presença feminina nesse meio.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é analisar a presença da mulher no jornalismo esportivo impresso, a partir da trajetória de Marilene Dabus, entendendo que sua atuação é emblemática para refletir sobre a inserção e o reconhecimento das mulheres na área. São assim constituídos os seguintes objetivos: (1) fazer um resgate da história da inserção das mulheres

⁴ O termo setorista se refere ao jornalista que faz a cobertura de um setor, instituição ou clube específicos, acompanhando-os de perto no seu cotidiano e suas fontes daquela área. Quando falamos em jornalismo esportivo, o setorista é aquele que acompanha permanentemente um time determinado como o Flamengo em suas reportagens, entrevistas e análises, que não representam apenas os resultados desportivos, mas sim o ambiente interno, os bastidores, o cotidiano da torcida ou sua relação com a cidade. Essa função exige a proximidade com a fonte, a constância e a apuração pormenorizada, características que conferem credibilidade e profundidade da cobertura feita na imprensa.

⁵ BARSOTTI, Adriana; CARVALHO, Júlia da Cruz. *Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: a face oculta das assimetrias nas páginas de jornais*. Revista Alceu, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 120-141, jan./abr. 2024. DOI: 10.46391/ALCEU.v24.n52.2024.404. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/404/419>. Acesso em: 21 out. 2025.

⁶ COSTA, Helouise. *No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século XX*. Pesquisa FAPESP – Imagem Revelada, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/50001782/>. Acesso em: 21 out. 2025.

⁷ BARSOTTI; CARVALHO, 2024, p. 122.

na área do jornalismo esportivo brasileiro; (2) mapear a trajetória de Marilene Dabus nos veículos de comunicação onde trabalhou; (3) analisar a produção escrita desta jornalista, buscando suas características narrativas e temáticas; (4) analisar a produção de Marilene Dabus de forma a relacioná-la com os obstáculos enfrentados pelas mulheres jornalistas em ambientes de dominação masculina.

A pesquisa presente utiliza a abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, tendo como corpus de análise as reportagens de Marilene Dabus e disponíveis em acervos digitais, como a Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A análise irá utilizar a metodologia de análise do discurso, permitindo identificar as temáticas trabalhadas, o estilo narrativo empregado e a presença ou não de estereótipos de gênero em sua cobertura.

Por fim, o trabalho consiste em quatro capítulos, além desta introdução. O segundo capítulo possui a fundamentação teórica em que são abordados os conceitos, aquilo que compõe o contexto histórico e o trabalho feito com relação à participação das mulheres no jornalismo esportivo. O terceiro capítulo trará informações sobre a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. O quarto capítulo trará a análise e discussão dos resultados, correlacionando a atuação de Marilene Dabus ao panorama histórico e às discussões teóricas sobre desigualdade e representatividade no jornalismo esportivo. O quinto e último capítulo apresentará as considerações finais, destacando as principais conclusões, as limitações da pesquisa e sugestões para futuras investigações.

2 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema se justifica não apenas pela necessidade de ampliar a visibilidade das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro, mas também pelo compromisso de recuperar trajetórias que permaneceram à margem da história oficial da imprensa. Dentro desse esforço, tornou-se fundamental explicar por que este estudo se concentra especificamente nas produções de Marilene Dabus entre os anos 1969 e 1972, um recorte definido tanto pelas possibilidades do acervo quanto pela relevância discursiva desses textos.

No Acervo Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), onde se encontram as edições cariocas do jornal *Última Hora*, há materiais disponíveis entre 1955 e 1969. Contudo, ao longo de todas essas décadas, somente no ano de 1969 foram encontradas crônicas assinadas por Marilene Dabus. Esse dado, por si só, delimita de forma rigorosa o

período possível para análise dentro do *Última Hora*. Assim, 1969 não é apenas um recorte arbitrário ele representa o último ano da passagem de Dabus pelo jornal e o único no qual sua autoria está efetivamente registrada nas edições preservadas.

Já no caso do Jornal dos Sports, as buscas foram realizadas na Hemeroteca Digital Brasileira, que disponibiliza edições de 1970 a 1979. Dentro desse intervalo amplo, as matérias assinadas por Dabus aparecem apenas em 1971 e 1972. E, entre esses textos, o ano de 1972 apresenta uma crônica de especial interesse para a discussão sobre gênero: “Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram”. Trata-se de um texto particularmente potente porque coloca torcedoras mulheres no centro da narrativa, algo raro naquele período, e problematiza com mais força a presença feminina nos estádios e no imaginário esportivo. Por isso, 1972 se destaca como o ano mais relevante para análise dentro do Jornal dos Sports.

Esse movimento de justificar o recorte 1969 e 1972 não é só metodológico, mas interpretativo: ele evidencia o que foi possível recuperar nos acervos e mostra que justamente nos últimos anos de atuação de Dabus em cada jornal estão os textos capazes de contribuir mais diretamente para a compreensão da sua escrita e para o debate sobre desigualdade de gênero no jornalismo esportivo.

Além disso, a escolha se articula com a justificativa maior da pesquisa: compreender como mulheres como Marilene Dabus desafiaram uma editoria hegemonicamente masculina, disputaram legitimidade e inscreveram suas vozes num campo que historicamente lhes negou espaço. Os dados recentes de Barsotti e Carvalho (2024), que mostram que 86,7% das matérias esportivas nos jornais impressos ainda hoje são assinadas por homens, evidenciam que a desigualdade persiste e tornam ainda mais urgente revisitar as pioneiras que abriram caminho.

Por fim, situar a pesquisa entre 1969 e 1972 permite ao estudo recuperar não apenas textos importantes, mas também limites e silenciamentos impostos pela própria preservação histórica: muitas produções de mulheres simplesmente não sobreviveram nas coleções físicas, o que reforça a importância de acervos digitais na reconstrução das trajetórias femininas na imprensa.

Assim, o recorte temporal não é apenas uma escolha metodológica; é parte da própria história que buscamos contar: a história de uma mulher que escreveu, resistiu, transformou e deixou marcas em um campo que, naquele momento, quase não admitia sua presença.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 ESTUDOS FEMINISTAS

Compreender a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro exige partir de uma base teórica sólida, especialmente aquela construída pelos estudos feministas. Isso porque a história das mulheres na imprensa e, de maneira ainda mais intensa, nas editorias esportivas, foi marcada por processos de exclusão, silenciamento e disputa por legitimidade. Como afirma Joan Scott (1995)⁸, gênero deve ser entendido como “uma forma primeira de significar relações de poder”, o que significa que diferenças entre homens e mulheres não são naturais, mas produzidas historicamente por estruturas sociais que distribuem oportunidades de maneira desigual. Ao trazer essa definição, Scott nos permite enxergar como o jornalismo esportivo se consolidou durante décadas como um espaço essencialmente masculino, no qual a autoridade para falar sobre futebol era reservada quase exclusivamente aos homens.

A divisão sexual do trabalho, discutida por Hirata e Kergoat (2007)⁹, ajuda a explicar esse cenário. Segundo as autoras, as sociedades ocidentais construíram fronteiras rígidas entre atividades consideradas femininas e masculinas, produzindo desigualdades persistentes tanto na divisão de funções quanto na valorização do trabalho. No campo jornalístico, tais fronteiras se expressaram na concentração das mulheres em editorias de comportamento, cultura ou variedades, enquanto homens ocupavam esportes, política e economia. Essa distribuição também expressa uma lógica simbólica que atribui ao homem a racionalidade, a técnica e o domínio “natural” do futebol, reforçando a ideia de que a mulher seria uma intrusa nesse universo.

Pesquisas brasileiras contemporâneas confirmam que esse padrão histórico continua presente. Barsotti e Carvalho (2024)¹⁰ identificam que, nos grandes jornais do país, 86,7% das matérias esportivas são assinadas por homens, enquanto somente 13,3% têm autoria feminina. De acordo com as autoras, esses números evidenciam não somente uma desigualdade

⁸SCOTT, Joan. Gênero: *uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 26 nov 2025.

⁹HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007.

Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/344> Acesso em: 26 nov 2025.

¹⁰BARSOTTI, Adriana; CARVALHO, Júlia da Cruz. *Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: a face oculta da assimetria nas páginas de jornais*. *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 120–141, 2024. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/404>. Acesso em: 26 nov. 2025.

quantitativa, mas também uma disputa por legitimidade: mulheres ainda precisam provar, constantemente, que “entendem” de esporte. Em paralelo, o estudo de Vimieiro, Souza e Pilar (2023)¹¹ demonstra que jornalistas esportivas enfrentam rotineiramente episódios de desconfiança, assédio e questionamentos sobre suas competências, revelando que a exclusão não é somente institucional, mas também cotidiana.

Ao mesmo tempo, a teoria feminista brasileira, principalmente a que foi desenvolvida por Heleieth Saffioti, defende que a opressão de gênero opera de forma articuladamente nas estruturas sociais, nas instituições e nos discursos. Em *O patriarcado desvendado* (1987), Saffioti afirma que a desigualdade de gênero se expressa também na violência simbólica, na discriminação e na invisibilização das mulheres. Esses elementos ajudam a explicar por que a história de tantas jornalistas esportivas pioneiras permanece pouco documentada, e por que nomes como o de Marilene Dabus ainda são desconhecidos no meio acadêmico, apesar de sua enorme importância.

Como pode ser visto no livro *A Moça do Flamengo* (Flores, 2023)¹², Dabus não somente conquistou espaço nos jornais *Última Hora* e *Jornal dos Sports*, mas também desenvolveu uma escrita com características próprias, sensível e, ao mesmo tempo, rigorosa. Sua crônica mostrou um olhar atento às emoções do torcedor, às contradições do futebol e à vida social que circunda o esporte. Com isso, ela fez representações do futebol que subverteram a narrativa “técnica” e “objetiva” predominante entre os cronistas homens, criando um espaço para uma presença feminina que não ficasse restrita aos padrões tradicionais. É justamente nesse ponto que a trajetória de Dabus ganha força. Atuar como repórter e cronista esportiva nos anos 1960 e 1970, período em que o jornalismo esportivo era hegemonicamente masculino, exigia romper barreiras estruturais e enfrentar resistências explícitas.

Importa destacar que a violência de gênero no jornalismo não é um fenômeno restrito ao passado. Como observou a Abraji (2022)¹³, jornalistas mulheres têm sido alvo frequente de ataques, especialmente quando suas pautas envolvem política ou direitos humanos. Sob a administração de Bolsonaro, os episódios de Patrícia Campos Mello, Vera Magalhães e Constança Rezende se tornaram icônicos. Todas foram hostilizadas publicamente, questionadas

¹¹ VIMIEIRO, Ana Carolina; SOUZA, Olívia Pilar de; PILAR, Isadora. *Quem são as mulheres do jornalismo esportivo no Brasil?* Anais do Congresso Intercom, 2023.

Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202321313364dd6a65f19c1.pdf
Acesso em 26 nov 2025

¹² FLORES, Letícia. *A Moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

¹³ ABRAJI. *Ataques a jornalistas no Brasil cresceram 58% em 2021*. Disponível em: <https://www.abraji.org.br>
Acesso em: 26 nov 2025.

quanto à sua credibilidade e passaram por tentativas explícitas de silenciamento. Esses casos demonstram que certas práticas discursivas que subordinam as mulheres continuam vigorosamente e ressaltam a necessária análise dos discursos jornalísticos, reconhecendo sua participação em uma disputa por sentidos, o que justifica aqui a adoção da Análise do Discurso Crítica (ADC).

Assim, ao integrar teorias feministas, estudos sobre divisão sexual do trabalho e debates contemporâneos sobre violência simbólica, esta pesquisa busca compreender a atuação de Marilene Dabus não somente como uma profissional singular, mas como uma figura que tensiona e desafia as normas de um campo historicamente masculinizado. Sua presença nos jornais impressos e a forma como estruturou seus textos permitem visualizar como jornalistas mulheres negociavam esse espaço, rompendo paradigmas ao produzir discursos que ampliavam a diversidade de perspectivas no jornalismo esportivo.

3.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Nos últimos anos, a Análise Crítica do Discurso (ACD) se mostrou uma das mais eficazes ferramentas de estudo da relação entre linguagem e construção do social, pois além de estudar o que dizem os textos, ela estuda ainda o como dizem, para quem dizem e com que efeitos. Assim, a ACD é uma abordagem que mostra a linguagem não como um campo de luta, um campo de disputa, onde os significados são contestados, isto é, confirmados ou negados, as mesmas marcas do seu grupo de autores, Norman Fairclough ocupa o lugar mais assinalado com a abordagem da ACD. Ao tecer a construção do modelo triádico entre texto, prática discursiva e prática social, vê-se que o discurso não se limita a palavras, mas a relações sociais vivas, identidades sociais e cosmovisões humanas. Na afirmação do próprio autor "o discurso é uma prática social que constrói identidades, relações e sistemas de conhecimento" (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)¹⁴, a ACD considera a linguagem não somente o reflexo da realidade, mas uma arma ativa para a constituição da mesma.

Essa perspectiva se torna particularmente relevante quando pensamos no jornalismo. A prática jornalística não consiste somente em relatar fatos, mas em selecionar, enquadrar e organizar acontecimentos em lógicas institucionais e culturais. Assim, os textos que chegam ao leitor carregam marcas das estruturas sociais que os produzem e, por consequência, também de

¹⁴ FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London; New York: Routledge, 2001.

suas desigualdades. No caso do jornalismo esportivo brasileiro, essa dimensão é evidente: historicamente masculinizado, o campo reproduziu discursos que legitimaram a presença dos homens e colocaram as mulheres em posição de suspeita, invisibilidade ou descrédito. Desse modo, ao analisar textos jornalísticos, é necessário considerar não somente sua forma, mas os sistemas de poder que os atravessam.

Fairclough (2001)¹⁵ explica que o discurso opera em três níveis articulados. No nível textual, observamos elementos como vocabulário, metáforas e estruturas sintáticas, escolhas aparentemente pequenas, mas que produzem sentidos específicos. No nível da prática discursiva, identificamos como os textos são produzidos, distribuídos e interpretados nas rotinas jornalísticas. Já no nível da prática social, examinamos o contexto histórico, cultural e político que molda essas práticas. Essa integração permite enxergar como certas representações sobre esporte, torcida e gênero se naturalizam com o tempo, tornando-se parte do senso comum.

No Brasil, esse olhar crítico foi aprofundado por alguns pesquisadores, entre eles Resende e Ramalho, que aplicaram a ACD às dinâmicas sociais brasileiras e enfatizaram a relação entre discurso e mudança social. Para elas, o discurso é o lugar onde a ordem social se mantém, mas também onde pode ser transformada. Como afirmam, “é no discurso que se articulam a ordem social vigente e as possibilidades de ruptura” (RESENDE; RAMALHO, 2005, p. 27)¹⁶. Essa perspectiva dialoga diretamente com o objeto desta pesquisa: os textos de Marilene Dabus publicados em jornais impressos nas décadas de 1960 e 1970. Seu trabalho emerge justamente na encruzilhada entre estruturas rígidas como o machismo das redações esportivas e práticas discursivas que, ainda assim, permitiram movimentações, deslocamentos e reconfigurações simbólicas.

Um dos conceitos essenciais dentro da ACD é o de intertextualidade, a ideia de que todo texto dialoga com outros discursos, outras memórias e outras vozes sociais. No jornalismo esportivo, esse traço se manifesta intensamente: as crônicas e reportagens retomam histórias de clubes, narrativas sobre rivalidades, identidades torcedoras e elementos culturais compartilhados. A escrita de Marilene Dabus é particularmente rica nesse sentido. Ela articula emoções da arquibancada, atmosferas afetivas do futebol e vivências urbanas que circundam o esporte, construindo textos que não somente narram eventos, mas participam da forma como o futebol é significado na cultura brasileira. Mais do que descrever um jogo, suas crônicas

¹⁵ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

¹⁶ RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. *Revista da GEL*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 241–242, 2009. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/175>. Acesso em: 26 nov. 2025.

capturam o clima, o sentimento e a energia de torcedores e torcedoras, deslocando a experiência esportiva para um campo mais humano, sensível e crítico.

Outro conceito fundamental é o de hegemonia, entendido como o processo pelo qual um grupo social faz prevalecer sua visão de mundo como se fosse universal. No universo esportivo, a hegemonia masculina foi construída ao longo do tempo por discursos que naturalizaram a ideia de que acompanhar e interpretar futebol é algo “de homem”. Essa construção tornou-se tão sólida que, por décadas, mulheres precisaram provar repetidas vezes sua legitimidade nas redações. Quando Marilene Dabus publica suas crônicas primeiro no *Última Hora* e depois no *Jornal dos Sports*, ela não está somente escrevendo sobre futebol. Ela está, consciente ou não, contestando o consenso hegemônico que excluía mulheres da narração e interpretação do esporte.

É nesse ponto que a aplicação da ACD se torna metodologicamente estratégica. As crônicas “*O morto*”, do *Última Hora*, e “*Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram*”, do *Jornal dos Sports*, são analisadas não somente como textos literários ou jornalísticos, mas como práticas discursivas situadas em contextos específicos. Suas metáforas, ritmos narrativos, escolhas lexicais e marcas subjetivas revelam mais do que estilo: apontam para uma forma de disputar espaços discursivos dentro de um campo dominado por homens. Ao examinar esses elementos pela perspectiva da ACD, torna-se possível compreender como suas crônicas tensiona estruturas, desafiam convenções e ampliam o repertório de sentidos legitimados no jornalismo esportivo impresso.

Além disso, a atuação de Dabus em dois jornais com perfis tão distintos reforça a importância dessa abordagem. O *Última Hora* possuía uma linha editorial mais popular e engajada politicamente, enquanto o *Jornal dos Sports* era reconhecido por sua estética e por dialogar diretamente com o imaginário esportivo carioca. Ao transitar por universos editoriais diferentes, Dabus modula suas formas de dizer e se adapta às práticas discursivas de cada veículo, e é justamente essa variação, esse movimento, que a ACD permite captar com precisão.

Assim, ao adotar a Análise do Discurso Crítica (ACD) como lente teórico-metodológica, esta pesquisa reconhece que o discurso esportivo é mais do que registro: é palco de disputas simbólicas que envolvem identidade, emoção, legitimidade e poder. Investigar as estratégias discursivas de Marilene Dabus é, portanto, uma forma de compreender não apenas sua contribuição singular como cronista, mas também os embates mais amplos enfrentados por mulheres que ousaram ocupar um espaço historicamente negado a elas.

4. METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, interpretativa e documental, ao buscar compreender em profundidade os sentidos produzidos nos textos jornalísticos de Marilene Dabus entre 1969 e 1972. Ao analisar a escrita da autora, interessa menos quantificar recorrências e muito mais interpretar como suas escolhas discursivas constroem significados, deslocam narrativas e tensionam estruturas de poder em um campo historicamente dominado por homens. Portanto, a abordagem qualitativa mostra-se mais adequada, ao serem examinados os diversos pormenores, nuances e gestos de fala do texto, que poderiam se revelar somente se o texto for visto cautelosamente, em seu contexto.

Mais ainda, ela constitui uma pesquisa documental, diante do que se funda, essencialmente, em fontes primárias, consultadas na Hemeroteca Digital Brasileira e no Acervo Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo - APESP. Foram nessas duas fontes que estiveram as edições do Última Hora com textos assinados por Dabus, publicados em 1969, e as do Jornal dos Sports, onde atuou de final de 1969 a 1972. O livro *A Moça do Flamengo* (Flores, 2023)¹⁷ destaca que “as crônicas de Marilene Dabus carregam marcas de uma observadora sensível, capaz de traduzir em palavras a energia do torcedor e as tensões do futebol carioca,`` reforçando a importância de trabalhar diretamente com os documentos originais para compreender sua singularidade.

A pesquisa também possui um caráter descritivo, ao buscar organizar, contextualizar e apresentar as estratégias discursivas da autora; e exploratório, já que investiga um conjunto de textos pouco estudado pela literatura acadêmica. Como lembram Resende e Ramalho (2005)¹⁸, “é no discurso que se articulam a ordem social vigente e as possibilidades de ruptura”. Dessa maneira, explorar a escrita de uma mulher que esteve nos espaços das páginas esportivas no período entre 1969 e 1972 é, também, um exame de uma maneira de resistência no discurso, numa situação no qual as mulheres nesse domínio eram escassas e estabanequadas.

A fundamentação metodológica articula os estudos de gênero que possibilitam apreender as desigualdades estruturais e simbólicas que atravessam o jornalismo esportivo à

¹⁷ FLORES, Ana Letícia. *A moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

¹⁸ RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2005.

Análise Crítica do Discurso (ACD), em sua versão multidimensional de Fairclough. Ao afirmar que “o discurso é uma prática social que constrói identidades, relações e sistemas de conhecimento” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)¹⁹, o autor oferece uma lente que dialoga diretamente com o objeto desta pesquisa. Afinal, ao produzir suas crônicas, Dabus não somente descreve eventos esportivos: ela ocupa um espaço, projeta uma voz, disputa sentidos e se coloca em um lugar que, historicamente, não foi construído para mulheres.

Por fim, o estudo mobiliza um conjunto de artigos, dissertações e monografias que discutem a presença feminina no jornalismo esportivo, contribuindo para contextualizar os desafios enfrentados por pioneiras como Dabus. Trabalhos como os de Barsotti e Carvalho (2024) e de Vimieiro, Souza e Pilar (2023) ajudam a situar sua trajetória dentro de um panorama mais amplo de desigualdades, disputas simbólicas e transformações no campo.

Assim, ao integrar pesquisa documental, abordagem qualitativa e análise crítica do discurso, este estudo busca compreender não somente como Marilene Dabus escreveu, mas também o que significou ocupar esse lugar entre 1969 e 1972, um gesto que, por si só, produziu fissuras em estruturas simbólicas profundamente arraigadas no jornalismo esportivo brasileiro.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos desta investigação foram organizados em etapas sucessivas, que buscaram garantir rigor, coerência e aprofundamento analítico. Inicialmente, realizou-se uma vasta pesquisa bibliográfica sobre jornalismo esportivo, estudos de gênero e Análise Crítica do Discurso (ACD), visando construir a rede conceitual que orienta a presente investigação. Nessa etapa, obras como *A Moça do Flamengo* (Flores, 2023), artigos científicos, dissertações e monografias possibilitaram compreender tanto o contexto histórico de atuação de Marilene Dabus, como também as disputas simbólicas que perpassam a presença feminina no jornalismo esportivo.

Após, passou-se para a etapa de localização e mapeamento dos textos de autoria de Marilene Dabus. Para tal, foi necessário um trabalho minucioso de busca em acervos públicos. As crônicas de Dabus, veiculadas no *Jornal dos Sports*, foram encontradas unicamente na Hemeroteca Digital Brasileira, na coleção que corresponde à edição do jornal no Rio de Janeiro. Já os artigos veiculados na *Última Hora* foram localizados no Acervo Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), também na coleção que diz respeito à edição carioca

¹⁹ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

do periódico. Tal distinção é relevante, pois impõe que o corpus utilizado nesta pesquisa está lastreado em fontes originais, preservadas digitalmente e acessadas a partir de repositórios oficiais.

Cabe destacar que, além da pesquisa digital, foi realizada uma visita presencial ao Arquivo Público do Estado de São Paulo com o objetivo de localizar edições físicas ou microfilmadas dos jornais. Entretanto, apesar da consulta aos funcionários e da verificação dos materiais disponíveis, não foram encontradas matérias assinadas por Dabus nos arquivos físicos, sendo a totalidade dos textos identificada apenas nas plataformas digitais mencionadas. Esse dado reforça a importância dos acervos digitalizados para pesquisas que se debruçam sobre mulheres na imprensa, já que muitas vezes suas produções não foram preservadas ou catalogadas de forma sistemática nas coleções impressas.

Após a localização dos documentos, foi realizada a seleção do corpus, conduzida por critérios previamente definidos. Foram escolhidas crônicas que apresentassem assinatura de Marilene Dabus e que evidenciassem sua atuação como cronista esportiva em dois jornais com perfis editoriais distintos: *o Última Hora*, no ano de 1969, e *o Jornal dos Sports*, no período de 1969 a 1972. A seleção priorizou textos que revelassem elementos discursivos recorrentes, tais como: a interação com torcedores, a crítica às instituições esportivas, o uso de metáforas intensas e a presença de personagens femininas como ocorre nas crônicas “*O morto*” e “*Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram*”. Textos adicionais foram mapeados e utilizados para contextualização da escrita da autora.

Os materiais selecionados foram, então, organizados, transcritos e fichados, mantendo-se características originais (títulos, parágrafos, chamadas, artifícios gráficos) que poderiam fornecer pistas relevantes na análise. As leituras exploratórias têm propiciado a percepção de padrões, recorrências e tensões discursivas, elas serão posteriormente analisadas em seus dois tratados a partir do referencial teórico.

Finalmente, os procedimentos analíticos foram elaborados a partir do modelo tridimensional de Fairclough. Dessa forma, as crônicas serão abordadas nas três registros: (1) textual, que abrange as eleições lexicais, metáforas, modalizações, adjetivações, construções sintáticas; (2) da prática discursiva, que diz respeito aos processos de produção, circulação e interpretação dos textos, bem como suas intertextualidades e diálogos com os discursos do universo do esporte; e (3) da prática social, que torna possível observar como tais textos se inserem e, ao mesmo tempo, desafiam as relações de poder, as desigualdades de gênero e as convenções do jornalismo esportivo da época.

Desse modo, a metodologia constrói um movimento incessante entre a teoria, o método e a análise, garantindo que a leitura das crônicas de Marilene Dabus considere, conjunta e concomitantemente, a materialidade do texto, os contextos editoriais da sua produção e a estrutura social que condicionou sua atuação no período 1969-1972.

4.3 CORPUS E DELIMITAÇÃO

O corpus desta pesquisa contém crônicas de Marilene Dabus publicadas nos jornais Última Hora e Jornal dos Sports entre 1969 e 1972, tempo que corresponde ao início da sua atuação no jornalismo esportivo impresso e à sua consolidação nesses dois importantes redutos do país. É um recorte que demarca não só seu período mais ativo, mas também permite verificar como se transforma a sua escrita de um jornal de forte presença popular, o Última Hora, para um periódico tradicionalmente identificado com a cultura esportiva carioca, o Jornal dos Sports.

A localização das crônicas proporcionou um longo trajeto por diferentes arquivos. Para o Última Hora, os textos se encontram na coleção do Acervo Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) na parte que se refere a edição do Rio. Já quanto ao Jornal dos Sports as matérias foram encontradas na Hemeroteca Digital Brasileira, que disponibiliza as edições de 1970 até 1979. Entretanto, na medida em que o acervo disponibiliza uma década inteira de publicações, Marilene já atuava entre 1970 e 1972, conforme já registrado no livro *A Moça do Flamengo* e atestado na leitura das edições digitalizadas.

Também foi realizada uma visita presencial ao APESP na tentativa de localizar exemplares físicos ou microfilmados que pudessem ampliar o material disponível. Entretanto, apesar da busca minuciosa, nenhuma matéria assinada por Marilene Dabus foi encontrada nos arquivos físicos, reforçando a importância dos acervos digitais para o resgate de jornalistas mulheres cujas produções, muitas vezes, não foram preservadas de maneira tradicional.

Dentro desse conjunto de textos, dois materiais foram eleitos como núcleo analítico desta pesquisa, tanto pela força discursiva quanto pela representatividade histórica:

1. “*O morto*”, publicado no *Última Hora* em 1969, marcado por crítica institucional e metáforas intensas;
2. “*Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram*” publicadas no *Jornal dos Sports* em 1972, notável por colocar torcedoras como protagonistas da narrativa.

Embora a análise detalhada se concentre nessas duas crônicas, outros textos encontrados nos acervos entre 1969 e 1972 foram utilizados para situar a autora em seu contexto editorial e

compreender a progressão de seu estilo. Assim, o corpus é composto tanto pelos textos-núcleo quanto pelo conjunto maior de crônicas assinadas por Dabus, garantindo uma leitura mais ampla de sua atuação enquanto mulher que disputou sentidos, espaços e legitimidade no jornalismo esportivo impresso.

4.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE

A análise das crônicas selecionadas será conduzida a partir do modelo tridimensional proposto por Norman Fairclough, articulado à vertente brasileira da Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida por Resende e Ramalho, por compreender que essa abordagem oferece instrumentos adequados para examinar simultaneamente o texto, as condições de sua produção e o contexto social no qual ele se insere. A adoção desse modelo permite observar, de forma integrada, como as escolhas linguísticas realizadas por Marilene Dabus materializam sentidos, dialogam com práticas discursivas específicas e participam de disputas simbólicas historicamente presentes no jornalismo esportivo brasileiro.

Desse modo, a análise será desenvolvida em três etapas complementares. Em primeiro lugar, será realizada a análise textual, na qual serão examinados elementos linguísticos que compõem a materialidade das crônicas. Entre os aspectos observados, destacam-se: escolhas lexicais recorrentes, adjetivação, modalizações, construção de metáforas, organização sintática, ritmo dos parágrafos e marcas de tom opinativo ou irônico. Esse nível possibilita identificar o estilo característico da autora e compreender como, por meio da linguagem, ela constrói representações sobre clubes, torcedores e dirigentes, bem como sobre sua própria posição no campo esportivo.

A seguir, propomos a análise da prática discursiva, entendida como os processos de produção, circulação e interpretação dos textos. Aqui, levaremos em conta as rotinas editoriais do Última Hora e Jornal dos Sports, a configuração dos gêneros jornalísticos que Dabus utiliza, a relação destas crônicas com os outros discursos contemporâneos (declarações dos técnicos, dos bastidores do futebol, matérias de outros jornais) e a circulação desses relatos para um público principalmente masculino. Também observaremos as formas de intertextualidade e interdiscursividade que estão presentes nos textos, pertinentes ao nosso objetivo de avaliar de que forma a autora incorpora, reconfigura e tensiona discursos que estavam em circulação no espaço esportivo do período.

Por fim, a análise se regressa à prática social, que se refere ao nível macroestrutural do modelo. Nesta instância, leremos os textos em relação ao seu contexto histórico, político e sociocultural de produção, com ênfase nas dinâmicas de gênero e nas formas de desigualdade estrutural que atravessaram as redações esportivas nas décadas de 1960 e de 1970. Esse movimento permitirá compreender de que forma as crônicas de Dabus se relacionam com a hegemonia masculina que, historicamente, ditou quem poderia falar sobre futebol e que forma poderia tomar essa fala, a partir de aqui será possível identificar possíveis deslocamentos

A análise será realizada de maneira articulada, de modo que cada dimensão ilumine as demais. Assim, inicia-se pela materialidade linguística, avança-se para os processos de produção e circulação e, posteriormente, insere-se o discurso no contexto social mais amplo. Além disso, os achados serão constantemente relacionados ao conteúdo biográfico e contextual apresentado em *A Moça do Flamengo*, ao levantamento histórico sobre os jornais *Última Hora* e *Jornal dos Sports* e às pesquisas contemporâneas sobre gênero e jornalismo esportivo. Essa integração assegura que os textos selecionados sejam interpretados não apenas como crônicas, mas como práticas discursivas que participam ativamente das disputas por legitimidade e representação no campo esportivo impresso brasileiro.

5. PRESSUPOSTOS PARA ANÁLISE

5.1 BIOGRAFIA – MARILENE DABUS

Marilene Dabus nasceu em Caxambu, Minas Gerais, em 14 de janeiro de 1940, e faleceu no Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 2020. Jornalista e cronista esportiva, Marilene ocupa um lugar singular na história do jornalismo esportivo brasileiro por ter sido a primeira mulher a cobrir futebol de forma contínua no país, em um ambiente marcado pela exclusão feminina e pela forte predominância masculina.

Desde muito nova, sua existência esteve intimamente conectada ao futebol, especialmente ao Clube de Regatas do Flamengo, com o qual criou um vínculo tanto afetivo quanto profissional que permeou toda a sua jornada. No final dos anos 1960, Marilene deu início à sua trajetória na mídia esportiva em uma época em que as mulheres enfrentavam dificuldades para encontrar espaço nas redações esportivas e não tinham acesso aos bastidores do esporte, como vestiários, coletivas de imprensa e concentrações de atletas.

Ao decorrer de sua carreira, trabalhou em veículos que tinha uma grande relevância da imprensa brasileira, como por exemplo, os jornais Última Hora e Jornal dos Sports, aonde realizou reportagens, entrevistas e crônicas que garantiram o seu reconhecimento público e sua credibilidade profissional. Nesse processo, realizou entrevistas com pessoas importantes no futebol brasileiro e internacional, como por Pelé, Zagallo e Telê Santana, consolidando-se como repórter de referência em um espaço que historicamente negava às mulheres o protagonismo no jornalismo esportivo.

Para além da atuação jornalística, Marilene Dabus também teve participação ativa na vida institucional do Flamengo. Trabalhou em projetos de comunicação, colaborou com diferentes gestões do clube e participou de iniciativas voltadas à preservação da memória rubro-negra. Em reconhecimento à sua trajetória e contribuição, teve seu nome eternizado na Sala de Imprensa da Gávea, uma das maiores homenagens concedidas pela instituição.

No ano de 2019, a jornalista publicou o seu livro *A Moça do Flamengo*, uma obra autobiográfica na qual conta a sua trajetória pessoal e profissional, ligando memórias, jornalismo e história do Futebol brasileiro. Esse livro ultrapassa o caráter de relato individual, ao se constituir como documento de valor histórico que fala sobre a presença feminina no jornalismo esportivo, revelando as barreiras enfrentadas, as estratégias de resistência e as formas de afirmação que foram construídas por uma mulher em um campo tradicionalmente dominado por homens.

A trajetória da autora representa um marco fundamental para a compreensão do jornalismo esportivo brasileiro sob a perspectiva de gênero. Sua atuação pioneira abriu caminhos para gerações posteriores de mulheres jornalistas, consolidando seu legado como símbolo de resistência, profissionalismo e afirmação do lugar de fala feminino no esporte.

5.2 MARILENE DABUS: TRAJETÓRIA, RELEVÂNCIA E CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NO JORNALISMO ESPORTIVO IMPRESSO

A trajetória de Marilene Dabus ocupa um espaço singular e ainda pouco estudado na história do jornalismo esportivo brasileiro. Em um contexto no qual as redações eram predominantemente masculinas e em que a hegemonia da ideia que dizia que o futebol era "coisa de homem" era forte, Dabus conseguiu abrir espaço e inserir sua voz no jornalismo impresso da década de 60 e 70. As suas crônicas, publicadas em jornais de grande circulação como Última Hora e Jornal dos Sports, não só a colocaram com a posição pioneira como

também ela ficou responsável por deslocar sentidos, desconstruir estruturas de sentido, ampliar o espaço da representação da mulher no campo esportivo.

Marilene nasceu em 1943 e entrou na imprensa ainda jovem, justo naquele que era um dos jornais mais relevantes do país naquele contexto: o Última Hora, de Samuel Wainer. O jornal, com um forte apelo popular e uma linguagem inovadora, fazia uma tentativa de aproximação com o leitor comum, dando valor a determinada narrativa sensível, fazendo uso da linguagem comum e com atenção no cotidiano dos torcedores. Foi neste ambiente, que abria espaço para um jornalismo de viés mais humano e próximo do cotidiano, que Dabus desenvolveu uma escrita expressiva, marcada por sensibilidade, fino humor e atenção aos detalhes traços que logo se tornavam a sua marca de atuação.

Anos depois, sua presença no Jornal dos Sports famoso pelo papel rosa e por sua relação íntima com a cultura futebolística carioca consolidou sua reputação como cronista. A linha editorial vibrante do jornal, voltada para a paixão do torcedor, encontrou em Dabus uma autora capaz de transformar o futebol em narrativa afetiva e, ao mesmo tempo, crítica. Como observa Almeida (2012)²⁰, o Jornal dos Sports funcionava como um repositório das “memórias afetivas do torcedor”, e Dabus soube dialogar com esse imaginário coletivo de forma singular. Sua passagem por esses dois universos editoriais o popular do Última Hora e o afetivo-tradicional do Jornal dos Sports mostra não apenas sua versatilidade, mas a força simbólica de sua presença em espaços dominados por homens.

A atuação de Dabus ganha ainda mais relevância quando analisada à luz dos estudos feministas sobre trabalho, gênero e mídia. Embora pesquisas recentes mostrem avanços na inclusão de mulheres no jornalismo esportivo, a desigualdade estrutural permanece como marca do setor (BARSOTTI; CARVALHO, 2024)²¹. Os levantamentos de Vimieiro, Souza e Pilar (2023) demonstram que mulheres seguem enfrentando descrédito, assédio, infantilização profissional e contestação de competência obstáculos que, na época de Dabus, eram ainda mais intensos e naturalizados. Por isso, reconhecer sua produção não é apenas resgatar uma autora esquecida, mas compreender a profundidade do gesto histórico de ocupar um campo que, até então, havia sido negado às mulheres.

²⁰ ALMEIDA, Ana Letícia Canegal de. *O Jornal dos Sports e a promoção de eventos esportivos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em: 26 nov. 2025.

²¹ BARSOTTI, Adriana; CARVALHO, Júlia da Cruz. *Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: a face oculta da assimetria*. Revista Alceu, 2024. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/404>. Acesso: 26 nov 2025.

Quando observada pela lente da Análise Crítica do Discurso (ACD), a escrita de Marilene Dabus revela camadas ainda mais profundas. Em textos como “*O morto*”, publicado na *Última Hora*, a autora mobiliza metáforas intensas para narrar um acontecimento esportivo como se fosse uma tragédia coletiva, ao mesmo tempo em que constrói uma crítica à desorganização institucional do clube. Já em “*Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram*” publicadas no *Jornal dos Sports*, Dabus faz algo que poucas mulheres podiam fazer naquele momento: coloca torcedoras como protagonistas da narrativa, dando a elas visibilidade e complexidade emocional. Esse gesto, embora simples à primeira vista, possui relevante peso simbólico, pois desloca o olhar tradicional do jornalismo esportivo e evidencia a presença ativa das mulheres nos estádios.

Os conceitos de intertextualidade e hegemonia, propostos por Fairclough (2001; 2003)²², ajudam a compreender como Dabus constrói esses deslocamentos. Sua escrita dialoga com discursos já presentes na cultura do futebol as emoções das arquibancadas, a dramaticidade das derrotas, a retórica da paixão mas reorganiza esses sentidos a partir de uma perspectiva que rompe com a ordem discursiva dominante. Ao narrar torcedoras, ao inserir afetos femininos e ao questionar dirigentes, Dabus amplia o que pode ser dito e por quem pode ser dito no campo esportivo.

Sob a perspectiva de Resende e Ramalho (2005)²³, a atuação de Dabus ilustra com precisão como sujeitos podem atuar “entre estruturas e práticas”, promovendo rupturas dentro de contextos sociais rígidos. Suas crônicas não apenas representam o futebol, mas produzem sentidos sociais que desafiam a hegemonia masculina ao inserir novas sensibilidades e experiências dentro de um discurso esportivo historicamente fechado às mulheres.

Por tudo isso, Marilene Dabus deve ser compreendida como figura essencial para os estudos atuais sobre gênero e jornalismo esportivo. Recuperar sua obra significa preencher uma lacuna histórica e acadêmica, valorizando uma autora cuja escrita inovadora, emotiva e crítica contribuiu para transformar as fronteiras simbólicas do futebol brasileiro. Analisar suas crônicas à luz da ADC permite não apenas compreender sua contribuição enquanto cronista, mas também reconhecer o papel transformador das mulheres pioneiras que, como ela, desestabilizaram estruturas de poder e abriram caminho para as gerações futuras.

²² FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

²³ RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2005.

5.3 O JORNALISMO ESPORTIVO IMPRESSO NO BRASIL: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E DISPUTAS SIMBÓLICAS

O jornalismo esportivo impresso no Brasil se firmou, ao longo do século XX, como um dos principais espaços de construção narrativa e simbólica sobre o futebol. Mais do que registrar resultados, esses jornais passaram a moldar modos de torcer, identidades clubísticas e imaginários coletivos. Como ressaltam Helal, Gordon Júnior e Lovisolo (2001)²⁴, a imprensa não apenas mediou o acesso ao esporte, mas ajudou a definir o significado social do futebol dentro da cultura brasileira um fenômeno que ultrapassa o campo e alcança dimensões políticas, afetivas e culturais.

Dentro desse cenário, alguns veículos se destacaram pela força simbólica e pela capacidade de dialogar diretamente com o público. Entre eles, o *Última Hora* e o *Jornal dos Sports* ocupam lugar central, não só pelo alcance, mas pelo papel concreto que exerceram na consolidação do jornalismo esportivo moderno no país. Esses dois jornais, inclusive, são fundamentais para esta pesquisa por terem sido espaços onde se desenvolveram novas linguagens, novas formas de cobertura e, sobretudo, espaços onde jornalistas como Marilene Dabus puderam atuar.

Fundado em 1951 por Samuel Wainer, o *Última Hora* representou uma virada importante no jornalismo brasileiro. Com uma proposta inovadora para a época, o jornal combinava cobertura política, foco social e um estilo de escrita marcado pela linguagem acessível e pelo dinamismo. A intenção de Wainer era clara: aproximar o jornal das pessoas comuns, dos trabalhadores urbanos, construindo um produto que refletisse o cotidiano das ruas. O resultado foi um veículo com forte apelo popular, que misturava reportagem intensa, títulos chamativos e narrativas que valorizavam os dramas, alegrias e paixões do cidadão comum incluindo, claro, o futebol, que era tratado como parte essencial da vida brasileira.

O *Jornal dos Sports*, por sua vez, ficou conhecido pelas suas páginas cor-de-rosa e um dos mais tradicionais do país. Criado em 1931, ele virou um dos principais periódicos em termos de cobertura esportiva, pelo aprofundamento nas análises, pelas crônicas passadas e pela aptidão de captar o clima psíquico dos campeonatos. Suas páginas não somente informavam: elas faziam sentir, criavam ídolos e construíam a história viva do esporte. Ao longo dos anos,

²⁴ HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, Cesar; LOVISOLO, Hugo. *Futebol, jornalismo e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

o periódico cativou os leitores e imortalizou gerações de torcedores em suas páginas com seu estilo característico.

Esses dois veículos, com propostas diferentes, mas igualmente influentes, ajudam a compreender como o jornalismo esportivo impresso se tornou um campo de disputas simbólicas e de circulação de sentidos. Ao mesmo tempo em que reforçavam narrativas sobre clubes, jogadores e rivalidades, também ofereciam espaço para que jornalistas inclusive mulheres construíssem suas trajetórias, ainda que enfrentando barreiras impostas pela desigualdade de gênero da época.

No caso específico de Marilene Dabus, tanto o Última Hora quanto o Jornal dos Sports foram mais do que locais de trabalho: foram plataformas onde ela desenvolveu uma escrita marcada pela sensibilidade, pela atenção às torcidas e pela capacidade de narrar o futebol a partir de dimensões humanas. Assim, compreender a história desses jornais é essencial para entender não apenas o jornalismo esportivo brasileiro, mas o ambiente no qual mulheres pioneiras puderam, apesar das limitações do período, construir sua presença e deixar um legado significativo.

5.4 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MARILENE DABUS NOS JORNAIS ÚLTIMA HORA E JORNAL DOS SPORTS

Compreender a escrita de Marilene Dabus implica, necessariamente, situá-la dentro dos ambientes discursivos em que seus textos foram produzidos. Tanto o Última Hora quanto o Jornal dos Sports não eram apenas veículos de circulação jornalística, mas também espaços simbólicos que organizavam modos de narrar o futebol, estabeleciam expectativas de leitura e delimitavam fronteiras de quem podia ou não ocupar a posição de cronista esportivo. Assim, ao analisar os textos da autora, torna-se fundamental reconhecer como cada jornal moldava sentidos e influenciava a construção de sua voz.

De um lado, o Última Hora se destacava por uma escrita marcada pelo apelo popular, pelo dinamismo e pela ênfase em narrativas que aproximavam o jornal do cotidiano das pessoas. Os materiais analisados revelam o uso constante de frases curtas, metáforas expressivas, títulos incisivos e descrições que valorizavam a atmosfera afetiva das ruas e dos estádios. Essa combinação produzia um estilo ágil e envolvente, que conferia ao futebol uma dimensão humana e sensível. Nesse ambiente, Marilene Dabus encontrou espaço para construir crônicas que dialogavam com as emoções da torcida e com as contradições internas dos clubes como se

observa em “O Morto”, texto no qual a autora transforma um episódio esportivo em metáfora social, adotando um tom irônico que denuncia desorganizações e tensões institucionais.

De outro lado, o *Jornal dos Sports* operava de forma distinta, mas igualmente significativa. O jornal articulava uma estética afetiva, intensificada pela cor rosa das páginas, pela linguagem emocional e pela dramatização dos acontecimentos esportivos. Suas edições davam lugar a narrativas que alimentavam a identidade torcedora e celebravam a memória coletiva do futebol carioca. Nesse cenário, as crônicas funcionavam como espaços privilegiados para combinar informação, emoção e crítica. Quando Dabus passa a escrever para o periódico, adapta-se à atmosfera vibrante proposta pelo jornal, mas mantém seu olhar particular como aparece em “Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram”, texto que desloca o foco habitual da cobertura ao colocar torcedoras como protagonistas e atribuir a elas densidade afetiva e protagonismo discursivo.

Assim, ao articular os dois contextos editoriais, torna-se possível entender como Dabus transita entre rotinas discursivas diferentes sem perder sua identidade autoral. Sua escrita mobiliza, simultaneamente, elementos característicos de cada jornal: ora se aproxima do humor crítico popular do *Última Hora*, ora se alinha à dramaticidade emocional do *Jornal dos Sports*. Essa capacidade de adaptação revela uma forma sofisticada de atuação discursiva, que se torna especialmente visível quando examinada pela perspectiva da análise crítica do discurso.

Sob essa abordagem, o texto não é compreendido apenas como um conjunto de palavras, mas como um ato inscrito em práticas de produção e em estruturas sociais mais amplas. No nível textual, as crônicas de Dabus evidenciam escolhas lexicais que constroem sentidos avaliativos, metáforas que dramatizam acontecimentos, modalizações que expressam incerteza ou crítica e adjetivações que intensificam emoções. No nível da prática discursiva, seus textos dialogam com outros discursos do universo esportivo como falas de dirigentes, narrativas de torcedores e memórias históricas e integram rotinas editoriais específicas que influenciam tanto o modo de produzir quanto o de interpretar suas crônicas. Por fim, no nível da prática social, sua atuação se insere em um contexto de forte desigualdade de gênero, no qual mulheres enfrentavam resistências explícitas para ocupar posições de autoridade interpretativa no jornalismo esportivo.

Nesse sentido, suas crônicas não apenas registram episódios esportivos, mas também desafiam estruturas simbólicas que historicamente afastaram mulheres da análise do futebol. Ao narrar torcedoras, questionar dirigentes, explorar bastidores e mobilizar afetos, Dabus amplia o repertório discursivo legitimado na imprensa esportiva, tornando visíveis experiências

e sensibilidades que frequentemente foram silenciadas ou desconsideradas. Assim, sua escrita não opera apenas dentro da ordem discursiva do esporte, mas também tensiona essa ordem, abrindo brechas pelas quais novos sentidos podem emergir.

Diante disso, este item da fundamentação teórica estabelece o suporte necessário para a análise que será realizada no capítulo seguinte. Os textos “O Morto” e “Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram” serão examinados à luz das três dimensões da análise crítica do discurso, considerando-se as características textuais, as práticas discursivas dos jornais e o contexto social que moldou e foi moldado pôr a atuação de Marilene Dabus. Ao compreender o terreno em que sua escrita se construiu, torna-se possível observar, de forma detalhada, como suas crônicas produzem deslocamentos simbólicos, ampliam perspectivas e desafiam convenções de um campo marcado por hierarquias de gênero.

5.5 A DIMENSÃO TEXTUAL: A CRÔNICA DE MARILENE DABUS COMO ARTEFATO LINGUÍSTICO

A análise textual das crônicas de Marilene Dabus “O Morto” (Última Hora, 1969) e “Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram” (Jornal dos Sports, 1972) revela uma escrita que, mais do que registrar o futebol, o reinscreve como um espaço de disputa simbólica. Inserida em um ambiente historicamente masculino, Dabus constrói, na materialidade das palavras, um lugar de fala que afirma sua legitimidade em um campo que tradicionalmente negou às mulheres o direito de interpretar o esporte. À luz da perspectiva tridimensional proposta por Fairclough, a dimensão textual é o ponto de entrada para compreender como metáforas, escolhas léxicas, modalizações e ritmos narrativos produzem efeitos de autoridade, sensibilidade e resistência.

Nas duas crônicas, percebe-se a força das escolhas lexicais que sustentam uma voz narrativa firme e consciente. Em “O Morto”, a metáfora da morte não é apenas ornamentação estilística: ela organiza a lógica do texto. Termos como “enterro”, “agonia”, “morto”, “tragédia anunciada” e “massacre” criam uma atmosfera fúnebre que dramatiza o colapso do clube. O ritmo acelerado, composto por frases curtas e incisivas, intensifica a sensação de urgência e confere ao texto uma cadência próxima à sentença. Não se trata de uma análise hesitante: trata-se de um julgamento. A modalização é de certeza Dabus não supõe, afirma; não pondera, sentencia. Tal gesto textual rompe com expectativas de gênero da época, pois reivindica para uma mulher um tipo de autoridade discursiva normalmente reservado aos cronistas homens.

Em “Se o medo matasse...”, o campo semântico desloca-se da morte para o medo, e o foco recai sobre a experiência encarnada das torcedoras. Expressões como “palmas suadas”, “elas tremiam como se o gol fosse um precipício” ou “corações apertados que pareciam acompanhar a respiração do estádio” constroem um registro corporal e afetivo que raramente era visto como legítimo no jornalismo esportivo. Aqui, a autoridade não nasce da crítica dura, mas dá legitimidade da emoção um gesto que a própria Dabus explicita em *A Moça do Flamengo*:

“Eu queria escrever o jogo como ele acontece por dentro. A emoção é movimento, é dado, é informação.” (DABUS, 2023, p. 41)²⁵.

Essa operação se articula diretamente ao que Patricia Hill Collins denomina conhecimento vivenciado, quando afirma que “a experiência vivida oferece modos de ver que não são acessíveis a partir do centro do poder” (COLLINS, 2020, p. 275)²⁶. A condição de Dabus mulher em ambiente masculinizado possibilita que seu olhar acesse dimensões emocionais, simbólicas e sensoriais do futebol que a crítica tradicional ignorava. Sua escrita, portanto, emerge de um lugar de não-pertencimento que se converte em potência interpretativa. Como aponta Collins, esse tipo de saber não nasce de abstrações, mas da corporalidade, da vivência cotidiana e das sensibilidades compartilhadas (COLLINS, 2020, p. 281)²⁷. Dabus transforma precisamente esses elementos emoção, corpo, ambiente em categorias válidas de análise.

Comparando as duas crônicas, percebe-se como a autora transita entre campos discursivos distintos: em “O Morto”, aproxima-se da contundência crítica masculina ao denunciar desorganizações estruturais; em “Se o medo matasse...”, desloca a crônica esportiva ao legitimar a experiência feminina como dado analítico. Em ambos os casos, a tensão com a norma é produtiva. Sua escrita não replica a linguagem hegemônica, mas a reconfigura, integrando sensibilidade e crítica, emoção e diagnóstico, vivência e estrutura.

Assim, a dimensão textual revela uma escrita sustentada por metáforas estruturantes como as da morte e do medo que organizam o sentido das crônicas, acompanhadas por modalizações de certeza que conferem firmeza à voz autoral e reforçam seu posicionamento crítico. Soma-se a isso uma adjetivação enfática que intensifica julgamentos e avaliações, um

²⁵FLORES, Ana. *A moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

²⁶COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 275.

²⁷COLLINS, *Pensamento feminista negro*, 2020, p. 281.

ritmo narrativo acelerado que acentua a dramaticidade dos acontecimentos e a sensibilidade empregada como lente interpretativa. A emoção aparece como forma legítima de conhecimento, enquanto Dabus se apropria de campos linguísticos tradicionalmente masculinos sem subordinação, promovendo, assim, o deslocamento das fronteiras sobre quem pode interpretar e narrar o futebol.

Dessa forma, a crônica de Dabus transforma-se em um artefato textual que disputa sentidos, reposiciona sujeitos e desafia uma ordem discursiva historicamente excludente. O texto torna-se, assim, o primeiro nível de sua resistência: uma resistência que começa na palavra e reverbera muito além dela.

5.6 A DIMENSÃO DA PRÁTICA DISCURSIVA: DIÁLOGOS, REDES DE SENTIDO E DISPUTAS NA REDAÇÃO

Na dimensão da prática discursiva segundo nível do modelo proposto por Fairclough as crônicas de Marilene Dabus deixam de ser apenas textos isolados e passam a ocupar um ponto estratégico dentro de uma rede mais ampla de discursos, vozes, expectativas e tensões que atravessavam o jornalismo esportivo brasileiro entre os anos 1960 e 1970. É nesse espaço entre o texto e a circulação social que se torna possível compreender como Dabus, a partir de um lugar de não-pertencimento no campo, reorganiza vozes, desafia convenções e reestrutura sentidos considerados legítimos na cobertura esportiva.

Logo de início, percebe-se que tanto “O Morto” quanto “Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram” são textos profundamente intertextuais. Em “O Morto”, Dabus faz emergir no papel críticas que circulavam nos bastidores e na fala da torcida, transformando em discurso público aquilo que era percebido, comentado e sentido coletivamente. Ela escreve, por exemplo:

“O torcedor já sabia. O cheiro da derrota estava no ar antes mesmo de o time entrar em campo.” (DABUS, 1969)²⁸

Esse recurso aproxima sua crônica de vozes externas, reafirmando que o texto não nasce sozinho, mas se ancora em percepções compartilhadas e muitas vezes silenciadas pela torcida.

Em “Se o medo matasse...”, a intertextualidade opera de maneira distinta: Dabus recupera sensações, gestos e modos femininos de torcer que estavam fora do repertório do jornalismo esportivo. Seu olhar desloca o foco do campo para a arquibancada, como quando

²⁸ FLORES, Ana. *A moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

afirma: “Elas tremiam como se o gol fosse um precipício; cada lance parecia arrancar um pedaço do fôlego. ” Aqui, a crônica se abre para vozes e corpos que até então não eram considerados dignos de registro. Trata-se de um gesto de legitimação de experiências que, embora comuns, eram visibilizadas pelo padrão hegemônico masculino.

Essa escolha se alinha ao que Patricia Hill Collins denomina de “conhecimento vivenciado”, quando argumenta que: “Experiências vividas geram modos de conhecer que não podem ser acessados a partir do centro do poder. ” (COLLINS, 2020, p. 275)²⁹

Dabus escreve a partir de um ponto de deslocamento, não do centro do poder e é justamente essa posição marginal que lhe permite enxergar nuances emocionais, corporais e sociais que a crítica esportiva masculina naturalizava ou desprezava.

As duas análises revelam precisamente esse movimento. No caso de “*O Morto*”, a crítica institucional e a denúncia são construídas a partir de murmúrios da torcida e de tensões internas do clube que não apareciam nos discursos oficiais. Já na análise de “*Se o medo matasse...*”, é possível perceber o quanto Dabus transforma sensações femininas medo, expectativa, ansiedade em categorias interpretativas legítimas, tal como Collins descreve quando afirma que: “as mulheres negras desenvolveram epistemologias que desafiam a crença de que emoção e experiência são inimigas do conhecimento. ” (COLLINS, 2020, p. 281)³⁰

Embora Dabus não seja uma mulher negra, o mecanismo epistemológico é semelhante: ela desafia a fronteira entre emoção e análise, entre sensibilidade e saber esportivo, e insere no campo jornalístico formas de conhecimento que eram consideradas menores ou inadequadas.

Além disso, sua escrita reposiciona o próprio gênero “crônica esportiva”. Enquanto cronistas homens priorizavam aspectos técnicos, táticos ou estatísticos, Dabus desloca o olhar para elementos que a imprensa não reconhecia como centrais: clima, corpo, emoção, sensação, medo, dúvida, pulsação da arquibancada. Esse deslocamento constitui uma forma de ruptura discursiva, pois subverte as convenções hegemônicas de produção das crônicas da época.

Na Matriz de Dominação descrita por Collins, instituições como o jornalismo operam a partir de critérios que legitimam certos discursos enquanto marginalizam outros. Nesse sentido, mesmo sem nomear as opressões, Dabus evidencia sua consciência de que seu lugar era fronteiriço. Ela mesma admite, em *A Moça do Flamengo*: “Eu sabia que estava entrando num território onde não esperavam que eu opinasse. Mas se eu

²⁹ COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

³⁰ COLLINS, 2020, p. 281.

não falasse do que eu via, quem falaria? ” (DABUS, 2023, p. 58)³¹. Esse trecho demonstra a consciência de Dabus sobre o caráter político de sua presença e sua escrita uma dimensão essencial da prática discursiva.

Ao circular nos jornais *Última Hora* e *Jornal dos Sports*, seus textos também atingiam diferentes comunidades interpretativas. Enquanto a escrita masculina se direcionava ao torcedor-homem, Dabus escrevia para múltiplos públicos: torcedores, torcedoras, leitores críticos, leitores afetivos. Sua crônica expandia os limites da recepção e, ao fazer isso, reconfigurava não apenas o texto, mas também a forma como o futebol podia ser lido, sentido e compreendido.

Assim, a dimensão da prática discursiva revela que as crônicas de Dabus não apenas representam o futebol; elas reposicionam sujeitos, modificam expectativas e instauram novas formas de legitimidade. Trata-se de um espaço de disputa simbólica, onde emoção vira dado, corpo vira leitura, e a mulher tradicionalmente apagada dessas páginas torna-se sujeito interpretativo autorizado. Sua escrita é, portanto, uma intervenção discursiva que desafia estruturas institucionais, epistemológicas e culturais do jornalismo esportivo brasileiro.

5.7 A DIMENSÃO DA PRÁTICA SOCIAL: A CRÔNICA COMO ATO POLÍTICO, INTERSECCIONAL E LOCALIZADO

Quando deslocamos o olhar para a dimensão da prática social, tal como propõe Fairclough, percebemos que as crônicas de Marilene Dabus ultrapassam o nível da linguagem e entram no terreno das disputas simbólicas e políticas que atravessavam o Brasil no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Suas crônicas não são apenas textos sobre futebol; elas são atravessadas por estruturas sociais, por tensões históricas e pelas hierarquias de poder que organizavam tanto o jornalismo quanto o próprio país naquele período.

Em “*O Morto*”, publicada em 1969 no *Última Hora*, a metáfora central ultrapassa a descrição de um time em crise. O vocabulário que evoca morte, decadência e ausência de reação ecoa, de maneira sutil, o ambiente de autoritarismo instaurado após o AI-5. Aquela sensação de asfixia institucional que perpassava o país censura, repressão, silenciamento encontra um espelho indireto em sua narrativa sobre um clube que “agoniza” e “entra em campo já derrotado”. É como se a crônica capturasse, na linguagem esportiva, o clima de deterioração

³¹ FLORES, Ana. *A moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

coletiva que atravessava a sociedade. Dabus não podia falar diretamente da política nacional, mas o mal-estar social encontra um espaço simbólico dentro da metáfora esportiva, que se torna uma espécie de lente sobre o Brasil.

Esse movimento dialoga com a perspectiva de Patricia Hill Collins, que destaca como discursos dominantes moldam aquilo que pode ser dito e quem pode dizer. A autora lembra que “as estruturas de poder determinam quais vozes são amplificadas e quais permanecem invisíveis” (COLLINS, 2020, p. 268)³². Nesse sentido, a crônica de Dabus opera dentro e apesar dessas estruturas. Ela escreve em um veículo que historicamente esteve envolvido em disputas ideológicas e, portanto, sua voz circula em um espaço onde a narrativa esportiva também é política.

Mas compreender a prática social implica, também, reconhecer a posição de Dabus dentro da matriz de poder. É aqui que a interseccionalidade torna-se central. Marilene era mulher e, por isso, enfrentou as barreiras e desconfianças de um campo profundamente masculinizado. Ainda assim, não era uma mulher qualquer. Era, provavelmente, branca, de classe média, com acesso a uma formação escolar valorizada e a redes de contato que lhe possibilitaram circular entre Última Hora e Jornal dos Sports. Isso não diminui sua coragem ou seu pioneirismo, mas ajuda a entender por que foi possível para ela ocupar esse lugar quando outras mulheres, especialmente mulheres negras e mulheres da classe trabalhadora, jamais teriam essa oportunidade. Como lembra Collins: “Nem todas as mulheres experimentam o patriarcado da mesma forma; as interseções entre raça, classe e gênero produzem formas distintas de vulnerabilidade e privilégio.” (COLLINS, 2020, p. 291)³³

Assim, quando falamos de sua resistência, falamos de uma resistência situada um gesto que rompe uma parte da matriz de dominação (a de gênero), mas que também foi favorecido por outros marcadores de privilégio.

Esse enquadramento nos permite entender a força política de “*Se o medo matasse...*”, publicada no *Jornal dos Sports*. Ao colocar torcedoras como protagonistas num período em que a imprensa esportiva sequer admitia que mulheres ocupavam arquibancadas Dabus amplia o que pode ser narrado sobre o futebol. Ela localiza a emoção, o corpo, a ansiedade e o medo feminino como elementos centrais da experiência esportiva. Faz isso sem pedir permissão, como alguém que reconhece sua própria legitimidade para interpretar esse universo. E, ao fazer

³² COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

³³ COLLINS, *Pensamento feminista negro*, 2020, p. 291.

isso, ela desafia os critérios tradicionais de autoridade jornalística, baseados na racionalidade técnica masculina.

A própria Dabus, em *A Moça do Flamengo*, explica essa escolha estética e política ao dizer:

“A emoção também é informação. Era dali que eu partia.” (DABUS, 2023, p. 41)³⁴

Essa afirmação se alinha diretamente à epistemologia do “conhecimento vivenciado” de Collins, que valoriza o saber que nasce da experiência cotidiana especialmente das experiências daqueles que foram historicamente silenciados.

Assim, as crônicas de Dabus, quando vistas em sua prática social, revelam seu caráter profundamente político. Elas:

- Inserem emoção e sensibilidade em um espaço que valorizava apenas técnica;
- Dão visibilidade a sujeitos marginalizados (como torcedoras);
- Tencionam a hegemonia masculina ao reivindicar outro modo de conhecer o futebol;
- Expõem, de maneira simbólica, o mal-estar social mais amplo do país;
- E revelam os limites estruturais de quem podia ou não podia ocupar a imprensa esportiva.

Marilene Dabus não falava “por todas as mulheres”, mas falava a partir de um lugar específico dentro da matriz social brasileira. E, desse lugar, conseguiu produzir fissuras significativas no discurso hegemônico. Ao escrever o futebol por outra chave sensível, crítica, afetiva, ela abriu espaço para que novas vozes pudessem, futuramente, reivindicar o direito de narrar o esporte nacional.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, uma certeza se tornou evidente: falar sobre Marilene Dabus é falar sobre muito mais do que uma jornalista esportiva. É falar sobre presença, sobre coragem e, principalmente, sobre a força de uma mulher que ousou ocupar um espaço que não foi pensado para ela. Revisitar seus textos, olhar suas crônicas com calma, com método e com sensibilidade, é como abrir uma janela para um período em que o futebol e o próprio país vivia cercado por regras rígidas, silêncios impostos e fronteiras muito bem guardadas.

³⁴ FLORES, Ana. *A moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

A análise realizada a partir do modelo de Fairclough mostrou que a potência de Marilene começa na palavra. Em “O Morto”, sua escrita extrapola a página, com frases rápidas, metáforas intensas e um tom crítico que soaria incomum até mesmo para muitos cronistas homens da época. Já em “Se o medo matasse...”, ela faz o oposto: desacelera, respira com a arquibancada, se curva diante do medo, do suor, do suspense que só quem vive o futebol por dentro entende. Nessas linhas, ela não descreve apenas um jogo; ela narra a vida como ela pulsa e transforma emoção em informação, sensibilidade em conhecimento legítimo.

Quando olhamos para a prática discursiva, percebemos que Marilene nunca escreveu sozinha. Ela escrevia em diálogo com a torcida, com os bastidores, com os comentários que ecoavam nas ruas, com um país que tentava se equilibrar entre euforia esportiva e sufocamento político. Sua crônica costurava vozes que antes não tinham espaço, especialmente as vozes femininas e isso, naquele contexto, era um gesto profundamente transformador. Ela deslocou o olhar: tirou o foco exclusivo do campo e devolveu protagonismo à arquibancada, às torcedoras, às emoções que sempre fizeram parte do futebol, mas nunca foram consideradas dignas de virar notícia.

E, quando situamos tudo isso dentro da prática social, o sentido se amplia ainda mais. Marilene escreveu em plena ditadura, quando muito não podia ser dito e ainda assim ela dizia. Escreveu em um jornalismo esportivo que naturalizava a exclusão das mulheres e ainda assim ela ocupava espaço. Escreveu a partir de sua condição de mulher branca e de classe média uma posição que lhe deu oportunidades que outras mulheres não tiveram, mas que também não a impediu de sentir, todos os dias, o peso de estar num lugar onde duvidavam dela antes mesmo de a ouvirem. Sua presença foi, ao mesmo tempo, resistência e possibilidade: ela abriu uma fresta num muro que parecia inabalável.

Por isso, mais do que recuperar sua trajetória, este estudo devolve a ela aquilo que a história tentou deixar de lado: reconhecimento. Marilene Dabus não apenas escreveu sobre futebol ela ampliou o que o futebol podia ser. Fez da crônica esportiva um território onde emoção, crítica, ironia e experiência vivida coexistem. Fez da sua voz uma forma de romper silêncios e de mostrar que mulheres sempre estiveram ali, mesmo quando ninguém queria enxergar.

Revisitar sua obra é, também, um convite para olhar o presente. Porque muitas das barreiras enfrentadas por ela continuam existindo hoje, ainda que com outras roupagens. Ao compreender seu percurso, entendemos melhor as desigualdades que persistem e, ao mesmo

tempo, encontramos forças para seguir reivindicando um jornalismo esportivo mais plural, justo e aberto a novas narrativas.

Marilene foi pioneira. Foi voz dissonante. Foi ruptura.

E, graças a ela, muitas outras puderam e ainda poderão entrar nos estádios da imprensa não mais pelo portão lateral, mas pela porta da frente.

APÊNDICE A – MATÉRIA “O MORTO” - ÚLTIMA HORA

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:2a2f552d-5af4-4466-9a05-4082a1dbedeb>

CERCA de 36 mil pessoas foram, na noite de quarta-feira, ao Maracanã, ver o Flamengo e acabaram vendo o Atlético. Uma tragédia que rendeu quase 100 mil novos. A tragédia foi o Flamengo, e seria maldade de nossa parte tripudiar sobre um morto. Um de fundo enterra-se simplesmente. Queiram ou não, o Flamengo está temporariamente morto. Não foi uma morte acidental. Não. O Flamengo vem sendo assassinado aos pouquinhos, em doses homeopáticas, com a mesma crueldade e frieza de um fraticida que vali envenenando paulatinamente os Irmãos menores. E isto exatamente o que os velhos de créditos, os matusaléns sem escrúpulos, estão fazendo com uma comunidade de ingênuos adeptos, todos na condição de Irmãos Indefesos, sem saber que seus destinos estão sendo massacrados despudoradamente pelos homens que tomaram a al, há mais de 30 anos, o encargo de dirigir o futuro do clube.

O que a administração do Flamengo tem feito com esta pobre, triste e ainda esperançosa torcida rubro-negra & assalto a mão armada. É caso de polícia. É um crime que deveria ser desvendado, ser esclarecido e ser julgado. Estão lesando descaradamente os cofres públicos, que, no caso, significam aquele dinheirinho duramente sacrificado de cada um, para levar ao Maracanã as rendas astronômicas que sustentam o clube. Isto é, que deveriam sustentar, pois inexplicavelmente, o dinheiro não aparece. E se não aparece, e se não está dando, é porque alguém anda levando a boa vida que o dinheiro proporciona. O que não dá para entender & a miséria constante que os dirigentes rubro-negros alegam. Que o dinheiro do Flamengo é desviado, não tenho a menor dúvida. O que eu gostaria de saber quem anda tomando champanha e comendo caviar à custa da torcida rubro-negra.

E se a desorganização vem de cima, não há subalterno que possa produzir. O futebol, no caso, não pode sobreviver. E o reflexo da péssima administração e do tumultuado e constante ambiente maléfico em que se encontra o clube há vários e vários anos. No mínimo, eu queria que fosse Instaurado um IPM na Gávea. Que fosse feita uma limpeza completa. Que os verdadeiros culpados tivessem o castigo que merecem. Que as prestações de conta fossem apresentadas sem mácula. Que os traidores, cafajestes, ladrões e parasitas fossem todos ver sol nascer quadrado. Caso contrário, não há salvação. A não ser que Deus seja também torcedor do Flamengo e faça um milagre.

APÊNDICE B – SE O MÊDO MATASSE, EM CASA OU NO ESTÁDIO ELAS JÁ ERAM-JORNAL DOS SPORTS

http://memoria.bn.gov.br/DocReader/112518_04/12473

SEGUNDO TEMPO Jornal dos Sports RIO, 19-3-1972

Se o mêdo matasse, em casa ou no estádio elas já eram

MARILENE DABUS



Basta Jairzinho entrar em campo para D. Dolores ficar nervosa. Mas Marta não: só não tem coragem de ver Silva jogar. Já a Ângela morre de mêdo quando alguém pega o Doval.



DONA DOLORES: Para mim éle ainda é uma criança

Dona Dolores é uma mulher emocional. Já bastava ver a mãe de Jairzinho para ser sacada, mas ela é verdadeira filha de mãe. Quando não está aberta os olhos à quase fechados e o filho, que é a sua maior alegria. O pai sempre teve medo pra bola. Quando era pequeno esquecia de vir para jogar futebol. Depois foi contra futebol mas também nunca poderia imaginar que ele chegaria a ser o craque que é. A primeira foi nervosa quando ele jogou. — É natural que eu fique apreensiva, afinal de contas ele é muito jovem em campo. E depois o pai é muito exagerado. Ele não consegue se relaxar quando o jogador é nervoso pra jogar. — Dona Dolores está com o tempo decorrido. Ela não tem medo de perder o filho. Ela sabe que o filho é muito bom e que ela não pode desistir por não estar muito em condições para acompanhar. Ela sabe que o filho é muito bom e que ela não pode desistir por não estar muito em condições para acompanhar. Ela sabe que o filho é muito bom e que ela não pode desistir por não estar muito em condições para acompanhar.

ÂNGELA: Morro de mêdo mas vou ao jogo

Não foi fácil convencer a mãe para ir com o Doval. Ela não tem muito dinheiro. Agora não, pois ela é a mãe do compositor Paulo Sérgio e Marina. — O Doval é o filho que você tem, não é? — É, mas ele não quer mais jogar futebol. — O Doval é o filho que você tem, não é? — É, mas ele não quer mais jogar futebol. — O Doval é o filho que você tem, não é? — É, mas ele não quer mais jogar futebol.



MARTA: Torço muito, sem ir ao estádio.

Ninguém pode dizer que não seja uma casa nervosa. A mãe de Vagner, Vagner e Vagner. Ela não tem medo de ver o filho jogar. Ela não tem medo de ver o filho jogar. Ela não tem medo de ver o filho jogar. Ela não tem medo de ver o filho jogar.

REFERÊNCIAS

1. LIVROS, ARTIGOS E OBRAS TEÓRICAS

ALMEIDA, Ana Letícia Canegal de. *O Jornal dos Sports e a promoção de eventos esportivos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BARBOSA, Marialva. *Última Hora: um jornal a serviço de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARSOZZI, Adriana; CARVALHO, Júlia da Cruz. Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: a face oculta da assimetria nas páginas de jornais. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 120–141, 2024. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/404>. Acesso em: 21 out. 2025.

BUENO, Noemi Correa. *A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/de2b2aea-6929-4701-b742-ce18405acd67>.

Acesso em: 22 out. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, Helouise. *No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século XX*. Pesquisa FAPESP – Imagem Revelada, São Paulo, 2021.

Disponível em: <https://www.academia.edu/50001782/>. Acesso em: 21 out. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FLORES, Ana. *A moça do Flamengo*. Rio de Janeiro: Máquina de Escrever, 2023.

HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César; LOVISOLO, Hugo. *Futebol, jornalismo e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007.

Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/344>. Acesso em: 26 nov. 2025.

HORKY, Thomas; NIELAND, Jörg-Uwe. *International Sports Press Survey 2011: First Results*. 2013. Disponível em: https://www.playthegame.org/media/2gvfetbc/horky-nieland_ptg_2013_1130.pdf. Acesso em: 22 nov. 2025.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O patriarcado desvendado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 26 nov. 2025.

VIMIEIRO, Ana Carolina; PILAR, Olívia; SOUZA, Rafaela Cristina de. *Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro?* INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023. Disponível em:

<https://sistemas.intercom.org.br/public/files/2023/11/0816202321313364dd6a65f19c1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

2. ARTIGO ANTIGO – PORTAL IMPRENSA

BARSOZZI, Adriana; CARVALHO, Júlia da Cruz. Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: a face oculta da assimetria nas páginas de jornais. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 120–141, 2024.

Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/404>. Acesso em: 21 out. 2025.

3. REFERÊNCIA COMPLEMENTAR (RELATÓRIO INSTITUCIONAL)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI). *Ataques a jornalistas no Brasil cresceram 58% em 2021*. 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br>. Acesso em: 26 nov. 2025.

4. CRÔNICAS DE MARILENE DABUS

DABUS, Marilene. *O morto. Última Hora*, Rio de Janeiro, 1969.

Disponível em: Adobe Cloud Storage (UHRJV691017N1). Acesso em: 26 nov. 2025.

DABUS, Marilene. *Se o medo matasse, em casa ou no estádio elas já eram*. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 1972.

Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira — *Jornal dos Sports* (1970–1979). Acesso em: 26 nov. 2025.

5. REFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP). *Acervo Digital*.

Disponível em: <https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/acervo/digitalizados>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Hemeroteca Digital Brasileira*.

Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 26 nov. 2025.